

O autor que traduz: Chateaubriand e *Paraíso Perdido* de John Milton

The author who translates: Chateaubriand and Paradise Lost by John Milton

Cristian Cláudio Quinteiro Macedo¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, RS, Brasil.

¹ Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em Lexicografia, Terminologia e Tradução, pela mesma instituição. Bolsista CAPES.

 <http://orcid.org/0000-0002-7785-7534>

E-mail: cristianmacedoxix@gmail.com

RESUMO

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa de Historiografia da Tradução que visa apresentar alguns apontamentos historiográficos sobre a publicação e a recepção da tradução em francês de *Paraíso Perdido*, de Milton, feita por François-René de Chateaubriand, em 1836. Ele propunha realizar uma tradução literal, “palavra por palavra, como um dicionário”, o que demarcaria, na visão de Chateaubriand, uma “revolução na maneira de traduzir”. O estudioso da tradução George Mounin considera essa obra um dos marcos da transformação na maneira francesa de traduzir: Já Antoine Berman a evoca na sua defesa de uma tradução literal na contemporaneidade. A partir do modelo histórico descritivo de Historiografia da Tradução de Brigitte Lépinette, buscamos compreender as noções de autor e tradutor implícitos nos discursos de Chateaubriand e de seus críticos ao se reportarem à obra por ele traduzida.

Palavras-chave: Historiografia da Tradução. Estudos da Tradução. Palavra por palavra.

ABSTRACT

This article is the result of a research of Historiography of Translation that aims to present some historiographical notes on the publication and reception of the French translation of Milton's *Paradise Lost* by François-René de Chateaubriand in 1836. He proposed to carry out a literal translation, “word for word, like a dictionary”, which would delimit, in Chateaubriand's view, a “revolution in the way of translating”. The translation scholar George Mounin considers this work one of the milestones of the transformation in the French way of translating. Antoine Berman, though, evokes it in his defense of a literal translation in the contemporaneity. From the descriptive historical model of Historiography of Translation by Brigitte Lépinette, we sought to understand the implicit notions of author and translator in the speeches of Chateaubriand and his critics in referring to the work he translated.

Keywords: Translation Historiography. Translation Studies. Word-for-word.



Introdução

A obra *Paradise Lost* [Paraíso Perdido], escrita pelo poeta John Milton (1608-1674) em 1667, traduzida e apresentada por François-René de Chateaubriand (1768-1848) em 1836, ganhou uma nova edição na França em 1990. Claude Mouchard, poeta, crítico e tradutor, fez uma introdução e uma série de notas. Reeditar a “*magistrale*” tradução do século XIX, feita por um dos mais celebrados autores franceses – segundo lemos na crítica de 1991, feita por Agnès Spiquel –, era necessária essa reedição, pois a tradução que vigorava há muitas gerações era repleta de “*contre-sens*” e de “*infidélités malheureuses*”. Para Spiquel, a tradução reeditada era um “*étonnante rencontre de deux génies*” (SPIQUEL, 1991, p. 101-102).

A proposta de tradução que Chateaubriand diz ser “revolucionária” é tida como um marco na forma de traduzir francesa (MOUNIN, 2016). Antoine Berman, quando defende uma tradução literal na contemporaneidade, irá lançar mão dessa tradução como exemplo, entendendo-a como produto de um contexto romântico de resposta às traduções *belles infidèles* clássicas.

O valor social atribuído a uma tradução centenária faz com que questões históricas sejam levantadas sobre seu teor, contexto de produção, publicação, recepção, etc. Questões das quais um importante domínio dos Estudos da Tradução se ocupa: a Historiografia da Tradução. Apesar de ganhar terreno no Brasil, principalmente na última década, a história é uma abordagem de pesquisa no seio da disciplina desde seu desenvolvimento na segunda metade do século XX.

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa de Historiografia da Tradução, em sua abordagem ligada aos discursos acerca da atividade tradutória. Visa apresentar um panorama dessa abordagem historiográfica (o que será feito na sua primeira seção); bem como alguns apon-

tamentos historiográficos sobre a publicação e a recepção da tradução feita por Chateaubriand, em 1836 (apresentados na segunda e terceira seções).

A partir do modelo histórico descritivo de Historiografia da Tradução de Brigitte Lépinette, buscamos descrever a relação entre as noções implícitas de autor e tradutor nos discursos de Chateaubriand e de seus críticos ao se reportarem à tradução de *Paraíso Perdido*.

1 Um breve panorama da historiografia dos discursos de tradução na segunda metade do século XX

No século XX, a primeira grande obra a tratar de historiografia da Tradução foi *Les Belles infidèles*¹, de George Mounin, publicada em 1955. O título dado pelo autor, *Défense et illustration de l'art de traduire*, foi substituído pelo editor Jean Ballard porque “*Les Belles infidèles*” é “*séduisant et parle bien plus au coeur et à l'imagination*”, segundo nos informam Michel Ballard e Lieven D'Hulst no prefácio da segunda e da terceira edição (MOUNIN, 2016, p. 9). É a primeira grande tentativa, no século XX, de organizar cronologicamente as diferentes perspectivas tradutórias da cultura francesa, ao mesmo tempo que serve para Mounin apresentar seu contra-argumento frente aos defensores da intraduzibilidade.

Os três capítulos da obra apresentam na sequência: (1) a posição contrária à traduzibilidade, a partir do que o autor denominou de argumentos polêmicos, históricos e teóricos; (2) a resposta de Mounin a eles com base na linguística, e sua defesa em relação à possibilidade e à necessidade da tradução; e (3) um ensaio no qual o autor analisa duas formas de traduzir (*mot à mot* e *belles infidèles*) ao longo da história.

¹ Mantivemos os títulos originais ao fazermos referência a obras ainda não traduzidas em português.

Mounin publicou, na Itália, a obra *Teoria e Storia della Traduzione*, em 1965, oferecendo ao público um trabalho de maior fôlego sobre a história da tradução. O livro passa por reflexões antropológicas, que remetem a possibilidades proto-históricas da tradução, pela Antiguidade, pelo Medievo, pelo Renascimento e por escolas literárias, como a clássica e a romântica. Nesse livro, Mounin faz menção a Edmond Cary, então presidente da Federação Internacional de Tradutores (FIT), como um dos raros pesquisadores em história da tradução (MOUNIN, 1965, p. 29).

Um interesse mais abrangente e coletivo da história da tradução, dentro do quadro de profissionais da disciplina, foi impulsionado em congressos da FIT, como descrevem Woodsworth e Delisle (1995). O estudioso húngaro György Radó primeiro propôs, em 1963, que se pensasse a realização de uma história da tradução, depois, em 1966, apresentou um programa minucioso para uma obra monumental que abrangeria 25 séculos. A obra não foi escrita.

Em 1990, em mais um congresso da entidade, uma comissão foi criada com a finalidade de produzir uma obra mais modesta do que a proposta por Radó. A primeira tarefa foi organizar uma lista de pesquisadores em história da tradução. A partir dessa lista, publicada com o nome “International Directory of Historians of Translation”, foi composto um grupo de trabalho internacional com 50 participantes que produziu, sob coordenação de Judith Woodsworth e Jean Delisle, a obra *Tradutores na História*. Publicada em 1995, simultaneamente em francês e em inglês, traz nove capítulos onde apresenta a importância histórica dos tradutores em determinadas áreas, como no desenvolvimento das línguas e das literaturas nacionais, na disseminação do conhecimento, na transmissão de valores culturais, na difusão das religiões, etc.

Entre as primeiras propostas no seio da FIT e a obra de Woodsworth e Delisle, muitos trabalhos sobre historiografia da tradução foram realizados,

incluindo artigos e capítulos de teor histórico em importantes textos da área de Estudos de Tradução.

Nos anos 1990, os trabalhos de Lieven D’Hulst chamavam a atenção à necessidade de um estudo histórico dos discursos sobre a tradução. Em sua coletânea *Cent ans de théorie française de la traduction: De Batteux à Littré (1748-1847)*, ele reuniu um conjunto de textos que servem de documentos sobre o pensamento em torno da tradução em um período de intensas mudanças conceituais, sociais, políticas e econômicas, chamado pelo historiador Koselleck (2013) de *Sattelzeit*. Além de coligir fontes primárias para o trabalho do historiador, D’Hulst contribuiu de forma significativa para a consolidação do ramo da Historiografia da Tradução.

Em seu artigo “Enseigner la traductologie: pour qui et à quelles fins” (1994), refletindo sobre a situação belga, D’Hulst estende suas conclusões aos Estudos de Tradução como um todo. Para ele, o estudo da história do discurso tradutório se justifica na medida em que dá ao neófito uma via de acesso à disciplina, além de permitir que se possa distinguir o que de fato são verdadeiras descobertas no campo e o que são reformulações de ideias antigas (mas esquecidas, ou desconhecidas), o que garante que não se tome o velho por novidade. Isto é, a Historiografia da Tradução impede que a cada geração se “reinvente a roda”.

Em 1995, D’Hulst propõe as bases para uma historiografia das teorias da tradução. Tomando-as como “pensamento em movimento”, fixados graficamente em textos, ele dá a constituição de um *corpus* documental significativo como o primeiro passo da pesquisa: tratados, prefácios, resenhas, correspondências entre tradutores e críticos, manuais de tradução, versões manuscritas, diferentes reedições de livros, etc. Através do *corpus*, é possível realizar, entre outras coisas, uma conceitualização histórica, a difusão dos textos, as barreiras institucionais, as censuras, bem como a “biografia” de um determinado pensamento teórico. O historiador precisa

ir além do domínio tradutológico, sustenta D’Hulst, pois existem questões que exigem um constante trânsito de ir e vir na via que liga o objeto de estudo e sua contextualização. Também um tratamento criterioso das fontes é exigido, na medida em que, ao se privilegiar a história dos conceitos das teorias estudadas, elas permitem a compreensão de seus pressupostos subjacentes. O objetivo primordial da pesquisa seria reconstruir as teorias da tradução do período histórico estudado, segundo o ponto de vista de seus idealizadores e de seus usuários (D’HULST, 1995, p. 17-19).

Influenciada pelas proposições de D’Hulst, Marcia Martins publica, em 1996, o artigo “As relações nada perigosas entre História, Filosofia e Tradução”, onde propõe que “uma boa maneira de começar um estudo histórico da tradução talvez seja definir claramente o objeto: se as reflexões teóricas ou a prática em si”. Para a autora, uma investigação historiográfica da tradução precisa atentar a questões como “quais eram as definições de ‘tradução’ e de ‘teoria de tradução’ em determinadas épocas no passado; [...] e a definição do que é texto ‘teórico’”. Ao optar por escrever sobre a história das teorias de tradução,

o ponto de partida poderá ser um *corpus* de textos teóricos considerados importantes e representativos da variedade sincrônica e diacrônica do pensamento sobre a tradução. Entretanto, o historiador não deve esquecer que esses textos também são parte de discursos que pertencem a gêneros específicos (prefácio, resenha, carta, etc.) e têm suas próprias funções dentro e fora do campo da teoria. Consequentemente, muitas informações podem ficar de fora, propositalmente ou não. É preciso, então, descobrir o que é possível dizer em cada época [...] (MARTINS, 1996, p. 43-45).

Em 1997, Brigitte Lépinette organizou uma teoria para estudos históricos da tradução, com base em modelos, objetos e técnicas de investigação. Contemplando diferentes interesses e possibilidades de pesquisa, após realizar um exame crítico das produções em Historiografia

da Tradução, apresenta dois grandes modelos: o sociológico-cultural e o histórico descritivo.

O sociológico-cultural toma o fenômeno da tradução em seu contexto social e cultural de produção e recepção. Visa determinar e avaliar as consequências da tradução na história da cultura nacional a que se destina. As relações causais seriam o eixo desse modelo historiográfico (LÉPINETTE, 2015, p. 142).

O modelo histórico-descritivo foi distribuído pela autora em dois submodelos: o descritivo-comparativo, que é centrado nas teorias da tradução, ou “*en los diferentes conceptos a los cuales se articulan estas teorías*” e sua “*evolución en el tiempo*”; e o descritivo-contrastivo, o qual analisa as muitas traduções de um mesmo texto de partida (LÉPINETTE, 2015, p. 143).

Em relação aos objetos da Historiografia da Tradução, Lépinette (2015) sugere que eles são selecionados a partir do modelo de análise adotado pelo pesquisador, apesar de deixar claro que nada impede que possa servir a qualquer um dos modelos. As técnicas, seguindo esse caminho, têm relação direta com a escolha do modelo e do objeto de pesquisa.

O modelo sociológico-cultural tem, como objeto privilegiado, o peritexto, isto é,

todos los acontecimientos y fenómenos que acompañan la producción de un texto o de un conjunto de textos traducidos, y su aparición en un contexto socio-cultural receptor que determinará las características de la traducción y permitirá explicar su influencia (LÉPINETTE, 2015, p. 144).

Em relação a técnicas de pesquisa, o historiador deve centrar-se em questões bibliográficas, em fontes primárias e secundárias e, de acordo com a época estudada, realizar catalogações e inventários antes de analisar os dados disponíveis (LÉPINETTE, 2015, p. 145).

O objeto do modelo descritivo-comparativo são os metatextos, isto é, “*el conjunto de las reflexiones sobre la traducción, los escritos teóricos del pasado que permiten el análisis de los conceptos metatraductológicos*”. Em termos de técnicas de análise desse modelo, Lépinette propõe: buscar nas fontes o percurso de um conceito metatradutológico ao longo do tempo; mapear o conjunto de conceitos metatradutológicos em um mesmo texto; e comparar o percurso de um ou vários conceitos metatradutológicos com conceitos de outras disciplinas, como a linguística, por exemplo (LÉPINETTE, 2015, p. 146-147).

Os objetos do descritivo-contrastivo são textos de partida e suas traduções, podendo ser o binômio texto de partida + um texto de chegada, ou um texto de partida + vários textos de chegada de diversos tradutores de um mesmo contexto histórico ou de distintas épocas. As técnicas apontadas pela autora em relação a esse modelo envolvem a descrição das estratégias tradutoras através de: um enfoque global, de caráter textual, que considera o texto de partida como um todo e o contrasta com o texto de chegada; um *enfoque seletivo*, que elege um aspecto relevante do texto de partida e o contrasta com o seu correspondente no texto de chegada; e um enfoque micro-tradutológico que é centrado “*en la organización discursiva del texto y en los medios que la manifiestan*” (LÉPINETTE, 2015, p. 148-149).

Em 1998, Woodsworth assina o verbete “History of translation”, na obra *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, editado por Mona Baker. Nele, Woodsworth afirma que a historiografia da tradução pode ser focada na prática, na teoria ou nas duas ao mesmo tempo. Para uma história da prática, a autora propõe algumas questões: “O que foi traduzido? Quem traduziu? Em que circunstâncias? Em que contexto social e político?”. Para uma história da teoria ou do discurso sobre a tradução, as questões são as seguintes: “O que escreveram os tradutores sobre sua arte/ofício/ciência? Como foram avaliadas as traduções em diferentes épocas? Que tipo de

recomendações davam os tradutores? Como foi ensinada a tradução e como se relacionava esse discurso com outros discursos do mesmo período?”. No caso de uma história focada na prática e na teoria, uma das questões é: “Qual é a relação entre a prática e a reflexão sobre a tradução?” (WOODSWORTH, 1998, p. 101).

Hurtado Albir, em 1999, com base no esquema da disciplina proposta por Holmes no clássico artigo de 1972, “The Name and Nature of Translation Studies”, propõe que a história fosse uma dimensão que cruzasse todas os aspectos dos Estudos de Tradução. A autora desfaz a rigidez da divisão entre ramo *puro* e ramo *aplicado*, defendendo uma “relação dialética” entre três ramos (teórico, descritivo e aplicado). Coloca os estudos descritivos no centro, porque considera que “son la base de la disciplina, ya que proporcionan los datos empíricos para los estudios aplicados y para los teóricos” (HURTADO ALBIR, 1999, p. 10-11).

2 Chateaubriand nos Estudos de Tradução

Três importantes estudiosos franceses da tradução analisaram o trabalho de Chateaubriand em *Paraíso Perdido*: Georges Mounin, na obra *Les Belles infidèles* George Steiner, em sua clássica *Depois de Babel* e Antoine Berman, em *A tradução e a Letra*. O primeiro analisa a obra historicamente, já os outros dois não produzem, necessariamente, historiografia, mas análises no campo dos Estudos de Tradução.

Mounin, ao problematizar a tradução literal e negar a intraduzibilidade, traça um histórico das maneiras de traduzir na cultura francesa. Para ele, Chateaubriand foi um dos marcos da mudança do estilo *belles infidèles*, que buscava ajustar o texto de forma a soar agradável ao leitor francês, para um estilo mais literal, um novo *mot à mot* [palavra por palavra] que se consolidaria em 1866. No entanto, ainda trazia noções tradutórias do

período que queria suplantar. Chateaubriand julgava importante não traduzir uma palavra “baixa” no lugar de uma palavra “nobre” (MOUNIN, 2016, p. 58).

Steiner entende que Chateaubriand produziu uma “reconstituição do original”. Para isso, foi preciso abrir mão, em muitos momentos, da gramática francesa, além de usar arcaísmos e criar novas palavras. Em sua “estratégia coerente” de tradução, buscou as fontes culturais que eram comuns a Milton e ao francês clássico, recorrendo aos antigos, à Vulgata, aos poetas barrocos e renascentistas, para fundamentar suas escolhas lexicais e sintáticas. Esse movimento do tradutor, Steiner chamou de “reversão diacrônica” (STEINER, 2005, p. 337).

Berman (2013, p. 129) nos lembra que, em 1836, Chateaubriand é autor considerado “mestre incontestado da grande prosa francesa”. A França estava no auge do romantismo e, no que se refere à tradução, havia um grande movimento que desejava romper com a tradução *belles infidèles* e focar nas “particularidades dos originais” (BERMAN, 2013, p. 127). Chateaubriand, segundo Berman, é um autor que compartilha de dois horizontes com Milton: a latinidade e o cristianismo. Sob a luz dessas duas dimensões, o grande autor, convertido em tradutor de um latinista cristão, o traduz fielmente. Os modelos de tradução latina permitiam traduções literais e, por outro lado, uma tradução religiosa deveria ser extremamente fiel (BERMAN, 2013, p. 127-134).

3 A tradução do *Paraíso Perdido*: publicação e recepção

3.1 Remarques

No texto que antecede seu trabalho em *Paraíso Perdido*, as *Remarques* de sua tradução, Chateaubriand apresenta suas intenções e não abre mão de criticar seus antecessores.

O que ele afirmava ter feito, e estaria apresentando ao público, era “*une traduction littérale dans toute la force du terme*”, na qual “*un enfant et un poète*” poderiam “*suivre sur le texte, ligne à ligne, mot à mot, comme un dictionnaire ouvert sous leurs yeux*” (MILTON, 1836, p. v).

O tradutor, que reconhecia os limites de seu trabalho, pediu ao seu leitor que soubesse diferenciar o que é “*sens douteux, ou susceptible d’interprétations diverses*”, de um sentido falso. Seu pedido dizia respeito às múltiplas formas de interpretar algumas passagens, mesmo na língua original da obra, o que era confirmado pela leitura dos comentadores de Milton. Ele preferiu, como tradução, “*rigoureux mot à mot, laissant le champ libre à l’interprétation*” (MILTON, 1836, p. vi-vii).

Optou por não mudar o regime dos verbos, pois, se desejasse tornar o texto “*plus français*”, teria perdido a “*précision*”, a “*originalité*”, a “*énergie*”. Até nos trechos em que o original era obscuro, buscou deixar a obscuridade presente em sua tradução (MILTON, 1836, p. xi-xii).

Chateaubriand propôs ao seu leitor que consultasse outras traduções. Que observasse o que foi omitido pelos demais tradutores. Que julgasse o que seria melhor, as paráfrases, comuns às outras traduções, ou a sua tradução literal. Não sem afirmar que, ao leitor, restaria certamente a “*conviction que la version littérale est ce qu’il y a de mieux pour faire connaître un auteur tel que Milton*” (MILTON, 1836, p. xiv-xv).

O grande autor, que se aventurava no terreno da tradução, não deixou de criticar os tradutores que lhe antecederam na obra de Milton. Para Chateaubriand, muitos deles não chegaram a realizar verdadeiras traduções, mas “*épitomes ou des amplifications paraphrasées dans lesquelles le sens général s’aperçoit à peine, à travers une foule d’idées et d’images*”. Em geral, os tradutores teriam uma “*monomanie*” de fazer mudanças nos textos tais como plural por singular, adjetivos por substantivos, artigos por pronomes (MILTON, 1836, p. xx-xxi).

Quanto à possibilidade de surgirem novas traduções de *Paraíso Perdido*, ele afirma:

Si les nouveaux traducteurs ont suivi mon système, ils reproduiront à peu près ma traduction ; ils feront ressortir les endroits où je puis m'être trompé : s'ils ont pris le système de la traduction libre, le mot à mot de mon humble travail sera comme le germe de la belle fleur qu'ils auront habilement développée. Me serait-il permis d'espérer que si mon essai n'est pas trop malheureux, il pourra amener quelque jour une révolution dans la manière de traduire? (MILTON, 1836, p. xxxii-xxxiii).

Chateaubriand coloca seu “humilde trabalho” como incontornável. Os próximos tradutores teriam que, necessariamente passar por ele, mesmo os que não adotassem seu sistema. De certa forma, justificava a importância de seu trabalho de tradutor colocando-o como fruto de esforços análogos aos de seu trabalho como autor. Nega ser um dos “*des génies heureux qui n'ont besoin de consulter personne, qui produisent sans effort avec abondance des choses parfaites*”, pelo contrário, ele não teria essa “*félicité naturelle, surtout en littérature*”. Chegava, dizia, a corrigir vinte vezes seus manuscritos e mesmo as provas para impressão (MILTON, 1836, p. xxxiii).

Por fim, estabelece que sua felicidade seria fazer Milton mais conhecido na França, pois “*un traducteur n'a droit à aucune gloire*”, ele deve apenas demonstrar que foi “*patient, docile et laborieux*” (MILTON, 1836, p. xxxv).

3.2 Lançamento da tradução do *Paraíso Perdido* de Milton

Em 1836, Chateaubriand publica duas obras, cada uma em dois volumes. A primeira, intitulada *Essai sur la littérature anglaise*, era uma espécie de estudo introdutório que justificava a segunda, a *Traduction nouvelle et complète du Paradis perdu de Milton*. As notícias, que davam publicidade às obras, em sua maioria, destacavam o fato de o tradutor ser o grande autor

da época. Algumas vezes evidenciando o fato de que, para ser tradutor, é preciso abdicar do trabalho superior e criativo do autor.

No *Journal des beaux-arts et de la littérature*, um artigo anunciou a publicação da tradução do célebre autor como um significativo evento literário. No entanto, viu com espanto o fato do “*auteur do Génie du christianisme et des Martyrs, se faire traducteur, renoncer à ses pensées, à sa poésie, pour devenir l'interprète de celle d'un autre*”. A justificativa, apontava o autor do artigo, assinado apenas com as iniciais G.D.F., seria a recompensa financeira do tradutor, que recebera bem mais que o próprio autor da obra em sua época (G.D.F., 1836, p. 21).

Uma nota no jornal *L'écho du monde savant*, de 9 de junho de 1836, afirmava que Chateaubriand estaria iniciando um processo de traduções dos clássicos, entre eles *A Ilíada* e *A Eneida*. Na nota, ainda lemos: “*Heureux le pays qui ont des poètes comme le chantre des Martyrs pour nationaliser chez eux les poésies étrangères!*” (NOUVELLES, 1836, p. 98).

Já a revista *Les Deux Bourgognes*, de 1836, focou sua notícia na situação financeira do autor, que o teria levado a lançar quatro volumes em 1836, incluindo os da tradução de Milton. Segundo a revista, era “*vraiment déplorable*”, que “*le père et le vétéran de notre littérature moderne*”, a “*plus grande célébrité littéraire*” francesa fosse obrigada a isso para sobreviver (BULLETIN, 1836, p. 339).

3.3 Algumas notas de recepção

Outro autor de destaque da cultura francesa, o historiador Jules Michelet, também traduziu algumas obras. Em uma resenha sobre a sua tradução das *Mémoires de Luther*, o crítico Emmanuel Gonzalès, enaltece o fato de que Michelet optou por “reconstruir penosamente” o pensamento de Lutero em uma tradução, sendo que teria sido bem mais fácil para alguém habituado às letras realizar uma apreciação crítica sobre o líder protestante. Segundo

o crítico, era algo tão admirável quanto o feito de Chateaubriand, “*autre noble et robuste athlète qui préfère lutter² avec Milton que de triompher seul*” (GONZALÈS, 1836, p. 2).

O jornal que deu mais destaque à tradução do *Paraíso Perdido* foi o *Débats*, publicando, ao todo, cinco resenhas que tratavam do *Essai* e da tradução da obra de Milton. Todas elas foram publicadas em 1836, assinadas pelo pseudônimo “C.s.". Na verdade, tratava-se de Victor Euphémion Philarète Chasles (1798-1873), que foi contratado, em 1823, pelos irmãos Bertin, proprietários do jornal para o qual ele escrevia artigos e resenhas críticas, principalmente de obras em inglês. Segundo Larousse, “*les travaux critiques de M. Chasles ont servi, non seulement à la connaissance plus approfondi des littératures comparées de l’Europe, mais à la formation du goût français*” (LAROUSSE, 1867, p. 1046).

Chasles afirma, na resenha de 14 de julho de 1836, que Milton e Chateaubriand são semelhantes. Os dois são “*voyageurs et historiens, philosophes et législateurs, acteurs devoués sur la scène politique et planant dans le monde de Poésie*”. Para o resenhista, é uma aliança ao mesmo tempo curiosa e tocante, entre dois gênios da literatura. Tratava-se a tradução de Chateaubriand como uma “luta”, semelhante à que Milton travava com a Bíblia, ou como a de Rousseau com Tácito (CHASLES, 1836a, p. 3-4).

No segundo artigo, quando Chasles analisa, mais demoradamente, a tradução, logo se percebe que ele “compra” as noções que o autor tradutor apresenta em seus *Remarques*. Para o crítico, o sistema de tradução adotado pelo “*illustre écrivain*” é marcado por uma “*littéralité complete*”. A noção de “gênio” é retomada por ele, na medida em que afirma que o autor tradutor “*prouve le respect sans bornes que le génie inspire au génie*”.

² “Lutar” era uma das metáforas usadas para a atividade do tradutor junto ao original a ser traduzido.

O “*génie traducteur [...] se sacrifie au génie traduit*”, demonstrando, assim, uma abnegação considerada comovente por Chasles (CHASLES, 1836b, p. 3).

O ilustre autor, afirma Chasles, emprega a língua francesa “*comme un volie transparent sous lequel on aperçoit à nu les formes, les idiotismes, les couleurs, les bizarreries, les archaïsmes, l’original tout entier*”. Em seu trabalho de tradução, foi preciso “*imposer silence à son propre génie*”. O tradutor Chateaubriand teve que anular-se como autor:

Que d’efforts pour réfréner cette impétueuse ardeur de style que tout le monde admire en lui, pour se contenir dans les bornes de son devoir, pour s’astreindre au modeste et noble vasselage qu’il acceptait ! Combien de fois, se heurtant contre les limites infranchissables qui séparent deux idiomes contraires, a-t-il dû regretter la création spontanée, la féconde action du génie qui s’écoute et se consulte, sûr de lui-même et maître de ses ressources! (CHASLES, 1836c, p. 3).

Em linhas gerais, para Chasles, a tradução de Chateaubriand não podia ser comparada a outras traduções, somente àquelas realizadas por outros grandes autores, como o próprio Milton ou Rousseau. A qualidade da empreitada tradutória do grande “gênio” francês era digna de nota e de valorização pelo mundo letrado na medida em que não era um labor ordinário como os dos tradutores da época. O gênio/autor emprestaria sua genialidade ao tradutor em sua tradução extraordinária. O tradutor deve servir, anular-se e sacrificar-se às ideias do autor. Ideia presente tanto em quase todas as notas de publicidade, quanto em resenhas que tratamos até aqui.

Considerações finais

Tomado como um autor fora do comum, um “gênio” da literatura, Chateaubriand já estava a muitos passos na frente dos demais tradutores.

Seu trabalho, diante da obra de John Milton, já surge no meio editorial como uma obra extraordinária. Uma referência a ser seguida, uma “revolução” na maneira de traduzir, como sugere o próprio tradutor. O “gênio”, chancelado por sua obra literária que lhe garantiu notoriedade, empresta seu “brilhantismo” à tradução que realiza, garantindo espaço em jornais, críticas positivas e publicidade diferenciada em se tratando de uma tradução, visto que o nome do tradutor estava em relevo.

Em nosso artigo, breve ensaio historiográfico, não questionamos a qualidade da tradução do ilustre autor francês, apenas descrevemos um tratamento visivelmente diferenciado de uma obra traduzida, principalmente devido ao nome de prestígio daquele que a traduziu. E essa valoração se dá, apesar da noção de autor presente nas *Remarques* de Chateaubriand, nas notas que lhe davam publicidade e nas resenhas, que quase sempre remetem ao gênio criativo, uma vez que a noção de tradutor é ligada ao vassalo, ao serviçal e ao operário, que deve anular-se diante das ideias do autor.

No jogo entre essas duas noções, vale destacar que, a figura do grande autor tradutor, personificada em Chateaubriand, em um momento de intenso crescimento da produção editorial francesa, foi acolhido pelo mercado livreiro, significando publicidade fácil e boas vendas. Algo que nos parece familiar ainda nos dias de hoje.

Referências

BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Tradução Marie-Hélène C. Torres et al. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BULLETIN. *Les Deux Bourgognes*. Dijon, p. 325-344, 1836.

CHASLES, Victor. Essai sur la littérature anglaise. *Journal des Débats*, Paris, p. 3-4, 14 jul., 1836a.

CHASLES, Victor. Le Paradis Perdu de Milton. *Journal des Débats*, Paris, p. 3-4, 14 set., 1836b.

CHASLES, Victor. Le Paradis Perdu de Milton. *Journal des Débats*, Paris, p. 3-4, 28 set., 1836c.

DESLILE, Jean; WOODSWORTH, Judith (org.). *Os tradutores na História*. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

D’HULST, Lieven. *Cent ans de théorie française de la traduction*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1990. <https://doi.org/10.7202/004303ar>

D’HULST, Lieven. Enseigner la traductologie: pour qui et a quelles fins? *Meta*, Montreal, n. 39, p. 8-14, 1994. <https://doi.org/10.7202/002562ar>

D’HULST, Lieven. Pour une historiographie des théories de la traduction: questions de méthode. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, Laval, n. 8, p. 3-33, 1995. <https://doi.org/10.7202/037195ar>

G.D.F. Revue littéraire et artistique. *Journal des beaux-arts et de la littérature*, Paris, p. 17-21, 10 jul., 1836.

GONZALÈS, Emmanuel. Michelet, memoires de Luther. *L’Indépendant*, Paris, p. 2, 05 jun. 1836.

HURTADO ALBIR, Amparo. *Enseñar a traducir*. Madrid: Edelsa, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. *O conceito de história*. Tradução René Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LAROUSSE, Pierre. *Grand Dictionnaire universel du XIXe siècle*. Tomo 3. Paris: Administration du Grand Dictionnaire universel, 1867. <https://doi.org/10.4000/books.pup.1890>

LÉPINETTE, Brigitte. La historia de la traducción. Metodología. Apuntes bibliográficos. In: LÓPEZ, Pilar; PINILLA, José. *Historiografía de la traducción en el espacio ibérico*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, 2015. p. 139-152. <https://doi.org/10.24197/her.20.2018.605-607>

MARTINS, Márcia. As relações nada perigosas entre história, filosofia e tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. 1, p. 37-51, 1996.

MILTON, John. *Le Paradis Perdue*. Trad. Chateaubriand. Paris: Charles Gosselin et Furne, 1836.

MOUNIN, Georges. *Les Belles Infidèles*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2016.

MOUNIN, Georges. *Teoria e storia della traduzione*. Torino: Einaudi, 1965.

NOAILLY, Michèle. Être Chateaubriand ou rien. *Langue française*, Paris, n. 146, p. 39-52, 2005. <https://doi.org/10.3917/lf.146.0039>

NOUVELLES. *L'Écho du monde savant*. Paris, p. 98, 09 jun. 1836.

SPIQUEL, Agnès. John Milton, Le Paradis perdu, trad. Chateaubriand, par Claude Mouchard. *Romantisme*, Paris, n. 74. p. 101-103, 1991.

STEINER, George. *Depois de Babel*. Tradução Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

WOODSWORTH, Judith. History of Translation. In: BAKER, Mona; MAHNLGRER, Kirsten. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres/Nova York: Routledge, 1998. p. 100-105.

Recebido em: 15/10/2018.

Aprovado em: 4/12/2018.

Publicado em: 20/5/2019.